



Publica-se nas quintas feiras de cada semana, na Typographia **LIBERAL** em Oeiras. Subscreve-se, e vende-se na Loja de T. C. Burlamaque, rua do Norte, a 88000 por anno, e proporcionalmente por semestre, e trimestre; numeros avulços a 200 rs.

*Admonere volumus, non mordere,  
Prodesse, non ledere.*

Erasmus.

Queremos admoestar, não morder;  
Ser uteis, e não offender.

## ATTENDAÕ!

O Governo Constitucional que se não guia pela opinião publica, ou que a ignora, torna se o flagello da humanidade. O Monarcha que não conhece esta verdade, precipita-se nos abyssos, e ao seu Reino ou Imperio, em um pelago de desgraças umas spoj outras. *Palavras do Sr. D. Pedro I., Imperador do Brazil em 1822.*

## INTERIOR.

### RIO DE JANEIRO.

#### Os Saquaremas e os Conspiradores.

É sem duvida uma fatalidade bem assignalada na historia do paiz—que o partido saquarema não tenha em tempo algum subido ao poder sem se encontrar com a revolta de uma das grandes provincias do Imperio. Assim em 1837 teve elle no começo de sua administração de lutar com a revolta da Bahia, onde muitas victimas foram sacrificadas, e de continuar com a revolta do Rio Grande do Sul quasi extinta debaixo da administração anterior e presidencia do illustre senador o Sr. Joze de Araujo Ribeiro: em 1842 alem da continuação da revolta do Rio Grande que teria sido extinta em 40 se elles o não embaraçassem, tiveram de marchar sobre os cadaveres dos Mineiros que se tinham revoltado: em 1849 encontrarão a revolta de Pernambuco, sobre cujos cadaveres parecem ainda passar com horrivel satisfação.

Estes factos historicos que assignalão as épocas do governo dos saquaremas, demonstrão tambem a todas as luzes, q' essa opinião não é a opinião do paiz, e q', se ella domina é porq' no paiz não ha um espirito geral e unificado, de conspiração, unico que pode gerar

um plano combinado, e concentrado para combater o inimigo commum; e se conspirações parciaes tem apparecido, são ellas devidas a impulsos momentaneos e locais, gerados pelo peso de horrivel soffrimento sem esperanza de alivialo por outra maneira.

O paiz aborrece sem duvida essa politica de força, de terror, desenvolvida por um partido composto quasi todo de magistrados, cuja educação e exercicio os tornaõ pela maior parte inextinguíveis aos gritos e gemidos das victimas; mas não estão no espirito e caracter do paiz as conspirações!

Em um paiz onde ninguem tem garantias, onde a segurança pessoal e a liberdade individual estão a mercê dos caprichos e vinganças ridiculas de qualquer agente o mais insignificante da administração, sem um poder neutro que os possa conter e punil-os; onde a anarchia, da administração se apresenta em toda a luz e evidencia; anarchia disemos porq' não podemos dar outro nome a esse livre arbitrio de demissões levadas a mais remota escala, a ponto de ser exercido até ao sexto suplente de um subdelegado, e ao ultimo alferes ou sargento da guarda nacional; a esse horrivel systema de recrutamento, sem authoridades centraes que possam julgar das injustiças commettidas, em um paiz onde todos os direitos estão sujeitos á má interpretação das leis, aos caprichos da autoridade; quando se achão no poder os homens que somente contão com a força bruta, q' não se horrorisão nem se correm do escandalo inaudito de armar o braço feroz assassino, de aguçar o seu punhal por meio de premios estipulados para apresentar as cabeças daquelles a quem, ainda quando convencidos de crimes, as leis mandão mui positivamente conservar as vidas; nesse paiz, por certo, se houvesse esse espirito de conspiração que inculcão as folhas do partido saquarema, então ellas arião geraes e não parciaes, como a historia e os factos as apresentam.

A mesma historia do paiz ainda mais justifica a nossa conclusão. Quando o Brasil sentiu esse grande abalo devido á queda de Pedro I, todas as provincias estremecerão, e espiritos exaltados pela época tiveram exageradas pretensões; mas o governo

regencia, sem exercito, sem força, e sem os prestí-  
gios da Corôa, que então jazia na orphandade; acabru-  
nhado pelo pezo de uma grande divida resultado d s  
administrações dos Clementes Pereiras de 1828 e 29;  
coartado em sua autoridade pela lei, sem poder para  
premiar; o governo da regencia, dizemos, acabou com  
todas essas pretensões exageradas, e reuniu em derre-  
dor da Corôa eclipsada pela orphandade, toda a nação,  
sem esses horrores que teem assignalado as administra-  
ções do partido dominante. Por outra parte se vê que,  
sempre que estão no poder os seus contrarios, essas  
conspirações não apparecem, e todas as molas da ad-  
ministração marchão de accordo, sem necessidade des-  
sas demissões levadas a grande escala.

Bem vemos que se nos dirá que, se quando o par-  
tido liberal está no poder não apparecem essas conspi-  
rações mesmo parciaes, é porque o partido saqua-  
rema quando está d baixo não conspira: mas não; a  
razão é mui differente. Quando o partido liberal sóbe  
ao poder, a nação não tem receio de que suas insti-  
tuições sejam coarctadas; que seu espirito nacional seja  
abatido pela influencia estrangeira; que suas liberdades,  
suas franquezas, e privilegios não sejam garantidos, que  
a desconfiança entre o povo e o governo se levante;  
que hajão esses actos horribes que assignalão as ad-  
ministrações saquaremas; que camaras sejam dissolvidas  
ainda antes de constituídas; que seus membros, ho-  
mens pacificos, honestos pais de familias, sejam lança-  
dos nos purões dos navios, e atirados nas praias do  
estrangeiro; que a representação nacional seja audaz-  
mente tratada com desprezo pelos ministros, como ain-  
da aconteceu o anno passado; a nação nada tem que  
temer, nem essas conspirações locais e parciaes, nem  
essas desconfianças entre o poder e os subditos, que  
o fazem por toda a parte enxergar conspirações, e  
receiar até o serviço do guarda civica.

O partido dominante não conspira por meio das ar-  
mas quando na opposição, porque lhe faltão a força  
numerica, e a coragem. Quem proclama as maximas  
que diariamente publicavão as folhas saquaremas du-  
rante o regimen liberal de 1844 a 48; quem procura  
como elles o fizerão relaxar todas as molas do respeito  
as leis e aos poderes do estado; quem, como elles  
com perseverança intentarão, se e esforçarão por solapar o  
throno, desacreditando vilmente aquelle que o occupa,  
constantemente apresentando-o como docil e ridiculo  
instrumento de criados seus; os que assim procedem  
não conspirão com as armas na mão, porque reconhe-  
cem que não teem per si as sympathias do paiz, porque  
não teem a coragem civica de que tantas provas tem  
dado esse generoso partido liberal, tao ingratamente  
retribuido por aquelles a quem tem levantado, por  
*alguem* cuja vida e direitos tão paternalmente soube  
zelar!

Mas não obstante esse egoismo e fraqueza q' enervão  
a acção do partido saquarema, que lhe matão todos  
os brios que o tornão o mais material e epicurista,  
uma vez houve que, confiados na liga de grandes in-  
teresses nacionaes e estrangeiros, na coallião das clas-  
ses officiaes mais elevadas, que dominão como senho-  
res absolutos, pretenderão sair dos melos de conspi-  
ração subterranea, para em campo descuberto dispu-  
tarem o poder que havia perto de cinco annos lhes  
escapára das mãos. e cuja longa falta os ia levando  
ao desespero. A prova desta nova asserção os lei-  
tores encontrarão no energico folheto que acaba de pu-  
blicar o Sr. Dr. Urbano, Foi ahí que vimos hablmen-

te descripto o plano da conspiração saquarema, a que  
em certa época do nosso dominio se referirão as folhas  
liberaes, e alguns oradores da camara temporaria.

Se, pois, em geral as conspirações só apparecem  
quando domina a opinião saquarema, se é quando essa  
opinião está no poder que o paiz passa por essa é-  
poca de *calamidades* em que se acha, se é só nesse  
tempo que se veem pratic dos actos os mais horrosos  
que apparecem nos annos da nossa historia contempo-  
ranea; se é só então que se vê o poder affrontar as  
leis, o pudor, a moral, a religião; se, em uma pala-  
vra, é então que apparecem as conspirações no paiz,  
é necessario concluir que existem causas mui particu-  
lares nessa opinião repulsada pelo paiz. e que produ-  
zem todos estes effeitos. Consequentemente, as conspi-  
rações devem ser attribuidas aos meios de governo  
empregados pelos saquaremas, e não a vontade do po-  
vo de as praticar: é necessario crer que essa opinião  
não pode governar o paiz, e que, se ella continuar  
com os seus detestaveis e horrosos meios de gover-  
no, põe em perigo as instituições e até a mesma Co-  
rôa.

Cumpra ser attento a tudo isto, e não se arriscar  
continuamente ao jogo porque expor-se-ha em alguma  
ocasião a uma perda inevitavel.

( *Correio Mercantil* )

## CORRESPONDENCIA DO EGIO.

*Barras 16 de Março de 1850.*

Aqui apparece a voz da verdade n.º 42, com a  
celebrissima correspondencia desta Villa, santificando a  
sua gente, e pondo os liberaes do municipio de caens  
abaixo. Fez isto a impressão que merecem os escrip-  
tos dessa ordem, com que se nutrem os escriptores  
dessa folha: ninguem vio ahí se não a infancia de um  
homem perverso, e o despejo desses escrivinhadores.  
A linguagem não é por certo do grão Sr. Bacellar,  
mas delle são os apontamentos: a sua perversidade bem  
conhecida não recua em attribuir aos outros os crimes,  
e as indignidades, que só elle, e os seus sabem pra-  
ticar; por tanto deo-se aqui a tudo quanto elle quiz  
comunicar gargalhadas de escarnio, porque em cada  
linha se encontravão mentiras descaradas, que seria dar-  
lhes importancia tratar de refuta-las quando o seu au-  
thor é bem sabido ser um uzeiro inventor de petas  
miseraveis, e desgraçadas como elle, visto como mais  
miseravel e desgraçado é o rico sevandija, do que o  
pobre que se dá a respeito, e se horrorisa do crime,  
do deboche, e da miltira.

Vmes. tiverão razão de sobra attribuindo todo esse  
arauzel a deminuir qualquer impressão que fizesse no  
animo imparcial do Ex. mº Sr. Presidente as justas  
queixas dos perseguidos Azevedo, e Ernesto: foi sem  
dúvida esse o fim do monstro apresentando os como  
tentadores contra a sua existencia; indague-se porcu  
se Azevedo, se Ernesto, se os liberaes das Barras em  
geral são assassinos, e malvados, e se os Bacellares  
deixão de o ser; indague-se se Azevedo e Ernesto, e  
os liberaes das Barras tem incommodado e perseguido  
atrozmente a Bacellar e aos seus, ou se Bacellar e a  
sua gente são o flagelo do municipio.

As casas de Azevedo e Ernesto, e dos Liberaes das  
Barras não são um viveiro de vadios, de desertores,  
que vivem de ser capangas, e que assassinão a capri-  
cho de seus amos; e as cazas dos Bacellares, a mata-  
da Conceição poder-se hão lavar dessa nodoa? Serão  
de Azevedo e Ernesto os capangas que dia e noite per-  
correm publica e escandalosamente as ruas da Villa  
armados? Azevedo e Ernesto são por ventura os que  
todas as noites se fazem acompanhar por 2 e 3 se-  
quazes armados a uma casa da rua grande, e que lá  
tem levado a prostituição, e o vicio? Quem tem feito  
da casa do escrivão interino Domingos Antonio Velloso

um aquartellamento de malvados, prestes a conduzir o desatino, e a morte aonde lhes ordenar aquelle que os conserva para seus sinistros fins, serão Azevedo, e Ernesto? Não são Azevedo e Ernesto os que tem por seu guarda-costas o façanhudo Almeida, tão procurado por seus mãos fitas durante a Presidencia do Sr. Dr. Zacarias. Azevedo e Ernesto não fazem passar em pleno dia, e como por garbo pela rua mais publica, da casa de Themotio Borges, onde mora o Sr. Bacellar, para a do escrivão Domingos Antonio, onde tem elle o quartel dos seus valentões, clavinoses e outras armas. Não foram Azevedo e Ernesto os que quando appareceu a invenção dos vultos teve em sua casa dentro da Villa por seis a oito dias o assassino do Padre Valcassa. Não é em cauza de Azevedo e Ernesto que se conservão em guarda os famigerados Martinho, Joze Parnahiba, e outras feras de igual lote. Não foi das cazas de Azevedo e Ernesto que sahirão os matadores, que foram atacar a propriedade do Tenente Coronel Fialho na Provincia do Maranhão, e que não só o assassinaram como ao Capitão Joze da Cunha Machado. Não são Azevedo e Ernesto, nem os liberaes das Barras os que povoão as suas terras com sicarios afamados, e que consentem que elles matem, roubem, e insultem impunemente, e com elles convivem: aquelles que assim procedem é que são assassinos, roubadores, e perturbadores do sossego publico; e é das matas da conceição que sai esse enxame de arpias a devastar o municipio, e seus contornos; e foi por isso que o ex-Presidente Dr. Zacarias mandou por uma força de linha varejar a casa e matas da conceição.

É galante vêr o Sr. Bacellar indicar como assassinos dos liberaes os presos da cadeia desta Villa: vejamos quaes são elles.

Existem na cadeia: Joze Francisco que de publico matou a sua mulher a facadas nesta mesma Villa as 11 horas do dia, e é tão protegido do Sr. Bacellar, que foi quem dirigio o Corpo de dilicto, e não consentio jámais que se fizesse em facadas, e só queria que se tratasse de ferimentos, fazendo assim que se repetisse o acto tres vezes; esse pois não é pessoa dos liberaes: Raimundo Moreira Lima, homem miseravel por quem se mandava descompor a Azevedo, Ernesto, Capitão Caldas e outros, e está preso por ladrão; não é ainda essa criatura dos liberaes: Tibaldio de tal, que foi arrancado das matas da conceição por crime de morte entre os seus comparças; não é tambem pessoa dos liberaes: um celebre Carneiro,

q' foi muito perseguido pelas autoridades liberaes; logo não é criatura dos liberaes, q' não apatrocina d'essas gentes; e se foi preso por ter havido quem denunciasse estar elle com uma faca, não prova isso q' elle seja, como o attribuirão. pessoa dos liberaes: Silvestre de tal, q' foi preso, e tem sido atormentado rigorosamente para declarar que Azevedo e Ernesto o mandarão assassinar ao Sr. Bacellar; e esse homem avançado em idade é de ha muito aqui morador, e bem conhecido como incapaz de fazer mal a ninguem, e vive sobre si: não é por tanto assassino dos liberaes: Simão de tal, em fim; e será essa victima do odio do Sr. Bacellar um assassino? Não é por certo: elle está preso e calumniosamente accusado por o involverem nos negocios de sua finada protetora Antonia Barboza, e ali se conserva por não ter viute e tres mil reis em prata para dar por sua liberdade, como aconteceu com Raimundo Ferreira da Silva, involvido no mesmo crime de um roubo ideal de dinheiro nunca existente; e não são as autoridades liberaes que assim procedem. E será assassino dos liberaes o preso, que fugio da cadeia? Não é porque este é aquelle que constantemente vivia no jogo com Gamenho, e só quando não tinha mais o que jogar foi que o prenderão, e é publico que lá está elle no covil da conceição. Aonde pois estão os assassinos dos liberaes? Na mente do Sr. Bacellar, des-se homem que tem demittido de si todo o criterio.

O bom Gamenho está aqui feito um tultú, e o mais é que amiaça de espancar tudo, e mandar-se mudar sem jámais ir a capital, e já vai pondo em pratica as suas amiaças. Nos ultimos dias de Fevereiro elle com campangas do Sr. Bacellar atacou o Azevedo em casa do escrivão Velloso, em consequencia da Portaria que recebêra para responder sobre os insultos por elle praticados a 26 de Dezembro, e senão deu no Azevedo foi porque este teve a paciencia de ouvir quanto de injurioso lhe quiz dizer esse biltre.

A 26 do mesmo Fevereiro soffreo Azevedo outro ataque e insulto de Themotio acompanhado de dous sequazes do Sr. Bacellar, isto por ter o preso Simão se queixado a Joze Carvalho, supplente do Delegado, de haver Themotio furtado uns gados d'elle, e de uns orfãos; e este insulto publico nem uma providencia mereceo, porque tudo è manobrado pela Sr. Bacellar, que continua a dirigir a boa policia das optimas autoridades das Barras.

É pena que se não possam publicar por volumosos os documentos que remetto, e

que mostram como decido o Sr. Joze Carvalho essa queixa de Simão: ao menos mostrem-os Vnco. por lá a quem os quizer vêr; e bem assim os outros que também vão, que provão a justiça do Sr. Francisco Borges, ambos ganhados pelo—burro de capello—; e são esses os bons homens que aqui exercem os empregos.

Na tarde de 27 de Fevereiro o Soldado Antonio Ribeiro, irmão de Gamenho, espancou e deixou cheio de contuzões, e feidas ao pobre crioulo Manoel Bombem, e nem uma providencia se tomou, apesar de ir o offendido ensanguentado por duas vezes queixar-se ao Sr. Joze Carvalho; e como se providenciaria se Ribeiro é irmão de Gamenho, Gamenho espanta do Sr. Bacellar, e o Sr. Bacellar director das authoridades? O pobre homem desapareceu d'aqui: se o não tiverem matado, talvez que se vá queixar a S. Exc.

Essas cousas já por cá não admirão: são brilhantes da policia Gamenha. O Carcereiro desta Villa já foi victima de uma dessas brucadeiras dos soldados no mez de Outubro, e em dias do corrente escapou de outra: tanto de uma como de outra vez foi o offendido queixar-se a Gamenho, mas passou pelo dissabor de ser insultado. Optimo é pois o Comandante Gamenho; e venha mais tropa para se rebater os insultos dos liberaes, e entretanto que os liberaes se conservão como sempre quietos, as desordens se vão succedendo.

A 6 do corrente na passagem do Maratuan, cem braças distante da Villa, o tal Themotio, hospede do Sr. Bacellar, o famigerado Almeida, um Severo, e outros capangas do bom Dr. embriegando se com agardente de uns passageiros, que ali estavam arraxados, forão as armas entre si, de que resultou sahirem Themotio, e Almeida feridos, Gamenho e alguns soldados accutirão aos gritos dos bebados e tinir das armas, mas deixarão em paz os desordeiros, e cuidarão nos vendelhões de caxaca: um evadio-se maxocado e frito de baionetada; o outro esteve na cadeia até o dia seguinte. Os brigadores porem forão conduzidos para a casa de Themotio, e apresentados a seu amo o Sr. Dr. Bacellar, que louvou-lhes a disposição, como seus bons camaradas. E as authoridades? Essas não tem acção com os independentes Bacellares; e que se mettão com elles . . . .

Ora já veem Vnco. que assim não é possível deixar de convir o bom Gamenho a esta terra; só o que lhe falta é mais tropa. E bem pouco se importa elle que S. Exc.

o chame: diz de publico que lá não vai, e que mais facil é fazer uma—becarda—com o destacamento, do que obedecer. Mas S. Exc. lhe fará as contas, no que deve ter caitado, porque as matas da conceição são muy proximas, e matas é o diabo. . . .

#### Barras 20 de Março.

Vamos de mal a pior. As ordens de S. Exc., como vão contrariando os desaforos do Sr. Bacellar e de Gamenho, querem essas malvadas furias infernaes d' sabalar-se naquelles que só procurão justiça, e para isso provocão uma desordem, que os farte de sangue; e é de notar que a tem evitado somente a paciencia dos milhores e mais cordatos homens do municipio, que são diariamente insultados: si va de prova o que acaba de acontecer.

Entrarão no dia 18 o Juiz de Paz, os electores e os supplentes para se tratar da Junta de revisão, segundo havia S. Exc. ordenado, e as authoridades todas se tinham retirado para suas casas fora da Villa deixando esta entregue a Gamenho, o qual mandou por patrulhas de seus soldados correr os homens que entravão, sendo elles os principaes do municipio como bem os homens do Peixe, o Major Miguel Carvalho, Coronel Xavier, Capitão Joze Pires e outros muitos de quem nada havia á reciar. Alem desse desacato, que já não é pequeno, vendo-se como o Sr. Bacellar se conserva armado e rodeado de capangas dentro da Villa sem ser enconato, e que aquelles homens vinhão desarmados e para um fim licito, outro maior s'ffrerão todas as 9 horas da noite desse dia. Gamenho, Furtado, que aqui se achou de marcha para a capital com o seu destacamento, o escrivão Domingos, o Agente do correio, e um Clarindo da Costa Portella, com a soldadesca, e a canalha do Sr. Bacellar, sahirão em tumulto pelas ruas, e na porta de cada um dos recém-chegados davão gritos insultuosos de—merras—ferras—e dirigião outros muitos ataques e provocações; batião nas portas, e incitavão a sahir os que dentro estavam; mas ninguem se moveo, porque todos vião o desenfiteamento da tropa, e o abandono combiuado da Villa pelas authoridades: o proprio Furtado no dia seguinte confessou que os gritadores e doestistas eraõ Gamenho, escrivão Domingos, e Clarindo Portella. Não obstante tudo isso a Junta reuniu-se hontem, e está em seus trabalhos, e lá não apparecerão os pertur-

badores, sem duvida por estarem curtindo a bebedeira; mas falla-se que não acabará em paz, porque o Sr. Baccellar trama transformá-la, e esse homem em um dos seus accessos é capaz de maiores desatinos, muito principalmente tendo em seu apoio a tropa e o seu insolente Commandante.

Hontem a tarde os soldados espancarão um vaqueiro do Juiz de Paz, e apesar de ser homem de 40 annos, casado, com numerosa familia, o metterão na cadeia, e dizem que o levão para recruta, só por ser pessoa do Sr. Joaquim Ferreira de Mello.

Vincs não ignorão que sendo as assina do o sogro do dito Juiz de Paz, e procedendo elle contra o assassino Custodio Carvatho, foi este na vespera da eleição de 5 de Agosto despronunciado pelo bom Juiz municipal Francisco Borges, e que depois, para se afastar o Sr. Mello da eleição, o promotor Meneu deu uma denuncia contra elle como assassino do sogro! D'ste então tem estado o Sr. Mello retirado apesar de haver presidido a eleição do seu lado, e os boas ordeiros que o pe seguem jámais tem podido achar testemunhas, que contra elle jurem, de forma que essa calumniosa denuncia está sepultada nos antros dos escandalosos juizes da infeliz Barras. Agora que o Sr. Mello compareceo á cumprir as ordens de S. Exc. como Juiz de Paz mais votado, esses homens, despeitados de não poderem fazer valer a sua infame calumnia, e ralados de raiva, só buscão meios de chamar o Sr. Mello a algum desguisado, e por isso a casa do Azevedo, aonde elle com outros estava a 18 a noite, e depois a delle forão as mais insultadas, não só por elle como pelo mesmo Azevedo, de quem dezejáo beber o sangue, e como não surtisse effeito essas provocações, nem tão pouco as que lhes derige o malvado ébio escrivão Domingos sempre que os vê na rua, atrão-se sobre o pobre velho vaqueiro para ver se o amo se despoem a dar cauza á ser prezo, espancado, ou morto.

Furtado diz que sai com Gamenho para ahí no dia 24; porem Gamenho diz de publico que não vai lá, e que hade quebrar aqui uma meia dozia, e hir reunir-se a Pedro Ivo. Esse biltre supoem que Pedro Ivo, e os perseguidos de Pernambuco são homens da laia delle, bebados, ladrões, e selvandijas como elle é: até com esse pensamento procura esse malvado molestar os liberaes, a quem supoem adherentes da revolução de Pernambuco. Elle porem que se metta nisso; hade morrer alguém por certo, se tal acontecer; mas S. Exc. o Sr. Dr.

Motta saberá então quaes são os homens que, em sustentação da verdadeira ordem, se hão de levantar em massa, e empunhar as armas para obdecer as suas ordens, e biter os malvados perturbadores Gamenhos, Baccellares et reliqua, ainla que seja no centro das matas da conceição.

## CORRESPONDENCIA.

*Sr. Redactor.*

Todas as vezes que o homem na exposição de suas razões, ou na defesa de sua causa, abusa do direito que tem de exprimir seus pensamentos, só com o baixo lito de apezoñar a outrem, merece que para com elle se não uze de modestia e caridade, e que se faça publico todas as suas habilitades para que quem o ouvio o conheça, e os homens imparciaes e justos avaliem seu character. Em consequencia pois, Sr. Redactor, insira sob minha responsabilidade estas duas palavras que instigado vou dizer sobre o procedimento da Camara Municipal desta Cidade. Quando por um dos passos mais tristes da minha vida fui Fiscal da Camara de Obras, apresentou verbalmente Thomaz pernas tortas uma denuncia a Camara contra mim, accusando-me de ter commettido não sei que falta no exercicio desse emprego, a Camara sem pregar aude em sua consciencia e rifices, não hezitou em multar-me em 20\$ rs., e com isto não deu por sivilidade o menor cavaco não obstante ter-me inhibido do serviço da feira por Portaria em que o e determinava a plantação do arvoreto da feira, riacho e praça. Chegando me a noticia que ella abortara tão desgraçado e putrido parto, proprio de suas damnadas entranhas, tractei de queixar-me ao Exm. Presidente da Provincia, e de facto queixime, apresentando lhe uma petição pelo methodo mais modesto e suscito em que so extranhando a Camara ter de mim recebido uma denuncia, me não ouvio sobre ella ao crime de que me accusão, pedi a invalidação de tal multa. Mandou o Exm. Presidente que ella respondesse no prazo da lei mostrando-lhe com esta praxe qual deveria ser seu procedimento a meu respeito isto é, qual o uzo que deveria ter feito da denuncia que lhe deu Thomaz pernas tortas. Foi na execução que a Camara deu a este despacho, Sr. Redactor, que teve o innato attrevimento de offender a minha honra, provando o pusillimie e parcial conceito que della faz o publico sensato,

e é á sua resposta que vou fazer algumas observações refutando quanto nella há de baixo e calumnioso. Disse a Camara que me deslizei do regimento do emprego de fiscal, e que não curei de preencherlo com desenvolvimento, respeito, e dignidade defraudando em continua negligencia, omissões e erros, e que dahi nasceu a necessidade de uzar ella do intuito do Artigo 86 da lei do 1.º de Outubro de 1828. Se não tinha eu a necessaria capacidade para ser fiscal, competia a Camara averiguar antes de encarregar-me desse cargo; mas nem ella averigou, nem eu lhe pedi voto para fiscal e ella mo deu; logo, pode-se dizer que, ou eu tinha as qualidades precisas, ou mentiu a pocessa Camara a respeito, e é a fraude que me irroga, a de que uzão em suas viz e abjectas transigencias, nascidas de mesquinhos interesses a mór parte de seus membros. Sr. Redactor, cumpre-me como aggreddido dismas-carar contra meu genio esse punhado de detractores de minha reputação tão pura, como é a delles mareada; detractores digo, que illudindo a boa fé de um sem numero de cidadãos incautos apresentarão-se no campo da pediocharia eleitoral, a fim de impolgarem um diploma, que eu para os não imitar em aviltamento, olhei com indifferença, e dou parabens a minha persistencia por salvar-me das improperantes discussões de um Rego, e de um Soares, que sò em séxo differião das michellas do caquende; de um Braga, e de um Baptista entre os quaes como d'elleite discussão sobre as pudendas e bruidas partes do porteiro; de um Paiva Judeo (\*) agglomerador dos beneficios e ordenados dos seus pupilos e até das quantias, que a Camara consignou para o Capitão Feliz. He desta

(\*) *Um Judeo! Sobre esse nome reprovado, sobre essa horrivel palavra de maldição eterna de todos os angulos da terra chovem pragas e despresos.—Porque em volta da cruz ensanguentada de Jesus Christo, e sobre as feridas gotejantes do Divino Mestre, fizeram os Apostolos um juramento terrivel e com o evangelho nas mãos pregarão aos povos:—amor a Jesus e odio aos Judeos—Sua voz de bronze foi repetida por echos sem conta:—anathema aos Judeos.—O brado sinistro retinio no espaço, e centenures e milhares de vozes bradaram com elles:—anathema aos Judeos! —O grito do exterminio propagado pelos seculos foi erguido pelas nações:—anathema—anathema aos Judeos!*

esféra, Sr. Redactor, a gente grada e esculhida da Camara que, não tendo em que bazêi seu disconchavado e infamatorio aranzel, apresenta ao Exm. Presidente da Provincia uma emxabida e mentirosa resposta, nascida da artimanha propria de-se pugillo de traficantes politicos. Conheço, Sr. Redactor, a pouca habilitação intellectual, que tenho para exercer lugares, e se errei no exercicio do emprego de fiscal, foi por ignorancia, e della não podia conhecer a Camara, cujos membros com uma sò excepção correm apar de mim na capacidade cerebral, sendo infallivel que um ségo não pode conduzir outro, e só é permittido julgar do facto quem pode conhecer. Da certidão abaixo ve se quão inconsequente é a Camara, e dos Procuradores Cardozo da Silva, e Cunha Simões com quem tive a honra servir, posuo documentos, com os quaes um dia mostrarei a Camara qual a convivencia de feira, e para elles apello como unicos habilitados pelo contacto, em que estivemos, para que sem omittirem a meu respeito o que souberem, digão se observarão ter geito, que indicasse suspeita ou fraude. Sou Sr. Redactor Seu muito respeitador.

*Henrique Monteiro da Cunha.*

Illm.º Sr. Secretario da Camara, Henrique Monteiro da Cunha, precisa a bem de direito que V. S. lhe passe por certidão ao pé deste a declaração que fez o Vereador Miguel Henriques de Paiva na occasião que teve a Camara de responder a Presidencia uma queixa do Supplicante quando dimitido do lugar de Fiscal. Oeiras 22 de Março de 1850. Henrique Monteiro da Cunha. —Revendo o livro de actas das Sessões da Camara Municipal, nelle achei a folhas oitenta e cinco verso, ter declarado o Veriador Paiva, que ignorando as fraudes do ex Fiscal Henrique Monteiro da Cunha, como se respondia á Presidencia em uma petição do mesmo Monteiro, não a podia afirmar em cujo sentido fazia sua assignatura na resposta q' ao mesmo Exm. Sr. Presidente se dirigio em 8 do corrente. Em verdade passei o presente: Eu Miguel Henriques de Paiva Veriador servindo de Secretario da Camara, aos 22 dias do mez de Março de 1850. —O Veriador servindo de Secretario

*Miguel Henriques de Paiva.*

===== ANNUNCIO. =====

Joaquim Antonio de Moraes, cá dinheiro e premio sobre penhores d'ouro, e prata, com tanto que não sejam pessoas suspeitas, apresentando duas testemunhas que verifiquem a possessão dos ditos metaes.